



Mídia social na promoção do aleitamento materno

Social media in promoting breastfeeding

Lucimara Garcia Baena Moura¹, Alessandra Maria Rocha Rodrigues Maier², Mateus Dias Antunes³, Fernanda Shizue Nishida⁴, Lucas França Garcia⁴, Ely Mitie Massuda^{4,5}

¹ Secretaria Municipal de Saúde de Balsas (MA), Brasil.

² Departamento de Medicina da Universidade Cesumar (UniCesumar), Maringá (PR), Brasil.

³ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (SP), Brasil.

⁴ Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) da Universidade Cesumar (UniCesumar) e Pesquisadores do ICETI – Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação, Maringá (PR), Brasil.

⁵ Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações (PPGGCO) da Universidade Cesumar (UniCesumar) Maringá (PR), Brasil.

*Autor correspondente: Lucimara Garcia Baena Moura - E-mail: lucimara.bmoura@gmail.com

RESUMO

Os conteúdos sobre saúde vêm sendo cada vez mais pesquisados na internet, especialmente por meio das mídias sociais, consideradas teias de relações estabelecidas entre pessoas. O objetivo deste estudo foi caracterizar o conteúdo dos vídeos publicados no *YouTube* sobre aleitamento materno, verificando a associação entre variáveis comportamentais, qualidade do material e problemas na amamentação. Trata-se de uma pesquisa descritivo-analítica, em que se utilizou o teste qui-quadrado para avaliar possíveis associações entre as variáveis ($p < 0,05$). Foram encontrados 62 vídeos, e a maioria (72,6%) não apresentou técnicas de amamentação. Houve associação estatisticamente significativa entre ser profissional da saúde e falar sobre produção de leite ($p = 0,0105$), experiência pessoal ($p = 0,0001$) e problemas na amamentação ($p = 0,0001$). Concluiu-se que os vídeos são uma boa ferramenta promotora de saúde, porém na temática sobre aleitamento materno, aqueles sem profissionais tendem a não tratar sobre produção de leite; normalmente são relatos de experiência pessoal e não trazem informação científica.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Promoção da saúde. Recursos audiovisuais.

ABSTRACT

Health content has been increasingly searched on the internet, especially through social media, and they are webs of relationships established between people. The objective of the study was to characterize the content of videos published on YouTube on breastfeeding, verifying the association between behavioral variables, quality of the video content, and problems with breastfeeding. This is a descriptive-analytical study, and the chi-square test was used to assess possible associations between variables ($p < 0,05$). 62 videos were found and most of them (72.6%) did not have breastfeeding techniques. There was a statistically significant association between being a health professional and talking about milk production ($p = 0,0105$), personal experience ($p = 0,0001$), and problems with breastfeeding ($p = 0,0001$). This study concludes that videos are a good health-promoting tool, however, on the topic of breastfeeding, videos without professionals tend not to deal with milk production; they are usually reported on personal experience and do not bring scientific information.

Keywords: Audiovisual resources. Breastfeeding. Health promotion.

Recebido em Outubro 13, 2020

Aceito em Dezembro 02, 2020

INTRODUÇÃO

O período de aleitamento materno (AM) é essencial para o desenvolvimento do bebê. Além de nutrir a criança, a amamentação previne doenças por meio do envio de anticorpos, estreita a interação materno-infantil e auxilia no desenvolvimento cognitivo e emocional; acrescenta-se a isso o fato de que auxilia na saúde psíquica e emocional da mãe¹. O leite materno é considerado a alimentação ideal para os bebês, pois contribui para que haja redução de doenças e de mortalidade infantil, tida como um indicador de qualidade de vida².

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que a amamentação seja a única forma de alimentação do bebê até o sexto mês, bem como seja complementar até o segundo ano de vida. Apesar disso, os índices de aleitamento materno no Brasil estão aquém do esperado e desejado, porque apenas 41% dos lactentes menores de seis meses estão em AM exclusivo³.

Muitas são as ferramentas que surgiram nos últimos anos, as quais permitem aos usuários de internet se comunicar de diversas formas⁴. As mídias sociais têm experimentado um grande crescimento mundial e atuam na facilitação da vida, ajudam na ligação entre pessoas, permitem compartilhar ideias e momentos, bem como favorecem encontrar grupos de interesses comuns⁵⁻⁶. O *YouTube*, por exemplo, permite aos usuários fazerem publicações, visualizações e *downloads* de vídeos de maneira gratuita e tem sido utilizado também como ferramenta de promoção da saúde⁷.

A população, em geral, requer e precisa de uma educação diferenciada, por meio de inovações e avanços tecnológicos. Os recursos de vídeo nas mídias sociais buscam demonstrar, de forma rápida, animada, simples e clara, a importância do aleitamento materno⁸. Além disso, o profissional de saúde tem papel fundamental no processo de sensibilização e orientação de grávidas e puérperas para que amamentem. Para tanto, é necessário ter preparo e sensibilidade, compreendendo que cada mulher tem uma história emocional, familiar e cultural a ser conhecida.

Diante do cenário já exposto, todo conhecimento acerca do aleitamento materno tem como ferramenta facilitadora a educação em saúde, e faz-se necessário conhecer o que se tem realizado nas mídias sociais sobre a temática⁹. Assim, o objetivo do presente estudo foi caracterizar o conteúdo dos vídeos publicados no *YouTube* sobre aleitamento materno, verificando a associação entre variáveis comportamentais, qualidade do conteúdo do vídeo e problemas na amamentação.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo-analítico, realizado por meio de levantamento de vídeos postados na plataforma *YouTube* no mês de junho de 2019. O descritor utilizado foi “aleitamento materno”, e como critério de seleção, vídeos em português, com até 20 minutos de duração.

As seguintes variáveis de relevância foram observadas: número de visualizações; *likes*; *dislikes*; número de inscritos no canal divulgador do vídeo e a duração de cada um; técnica de amamentação; produção de leite; mitos e tabus; profissional de saúde; profissão; experiência pessoal; fórmula infantil; informação científica; mulheres; relatos de problemas na amamentação e uso de bicos artificiais; e relação com os profissionais de saúde.

Os dados obtidos foram inseridos em planilha do programa *Microsoft Excel 2010* e analisados estatisticamente com o *software Statistica Single User* versão 13.2. Calcularam-se como medidas descritivas a média e o desvio-padrão das variáveis quantitativas; já as variáveis qualitativas foram dispostas em tabelas de frequência simples e de dupla entrada. Para avaliar possíveis associações entre as variáveis qualitativas avaliadas, utilizou-se o teste qui-quadrado. O nível de significância adotado nos testes foi de 5%, ou seja, foram consideradas significativas as associações cujo $p < 0,05$.

No presente trabalho, foi dispensada a apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que se trata de informações públicas e

disponíveis *on-line*. Segundo o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), estudos envolvendo apenas dados de domínio público e nos quais não seja possível a identificação dos indivíduos da pesquisa não requerem aprovação do Sistema CEP-Conep.

RESULTADOS

Foram encontrados 68 vídeos, mas 62 escolhidos para análise, pois 4 excederam o tempo estipulado, 1 estava em outro idioma e 1 não tinha áudio. O número de visualizações dos vídeos alcançou em média 3.566,8 ($\pm 12.809,9$); o de *likes* foi de 222,4 ($\pm 855,0$), e o de *dislikes*, 3,9 ($\pm 13,2$).

Em média, os vídeos tinham 09:31 ($\pm 04:18$) minutos de duração. A maioria dos canais que postam vídeos sobre amamentação era pequena, com média de 87.942,0 ($\pm 233.337,8$) inscritos; somente um deles tinha mais de 1 milhão de inscritos, e 4 (6,5%) atingiam a marca de mais de 500 mil (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição da caracterização do canal e do vídeo com postagens sobre amamentação

Variáveis	Média	DP
Visualizações	3.566,8	12.809,9
<i>Likes</i>	222,4	855,0
<i>Dislikes</i>	3,9	13,2
Tempo do vídeo	09:31	04:18
Inscritos no canal	87.942	233.337,8
Canal	N	%
Mais de 1 milhão de inscritos		
Sim	01	1,6
Não	61	98,4
Mais de 500 mil inscritos		
Sim	04	6,5
Não	58	93,5

Fonte: dados da pesquisa.

A maioria dos vídeos – 72,6% (n = 45) – não abordou técnicas de amamentação. Dentre as temáticas, 22,6% (n = 14) trataram sobre produção de leite, e a maior parte, ou seja, 56,5% (n = 35), a respeito de mitos e tabus.

Somente 35,5% (n = 22) contaram com a presença de um profissional da saúde, e o que mais gravou foram médicos (as), com 16,1% (n = 10). Metade dos materiais, isto é, 50% (n = 31), relatava problemas na amamentação. Pouco mais da metade, que correspondeu a 53,2% (n = 33), não incluiu conteúdo (informação) científico, e 21% (n = 13) trouxeram apresentações sobre o uso de bicos artificiais (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização dos vídeos postados sobre amamentação

Variáveis	n	%
Técnica de amamentação		
Sim	17	27,4
Não	45	72,6
Produção de leite		
Não	48	77,4
Sim	14	22,6
Fórmula infantil		
Não	44	71,0
Sim	18	29,0
Conteúdo sobre uso de bicos artificiais		
Não	49	79,0
Sim	13	21,0
Mitos e tabus		
Sim	35	56,5
Não	27	43,5
Relatos sobre problemas na amamentação		
Não	31	50,0
Sim	31	50,0
Conteúdo científico		
Sim	29	46,8
Não	33	53,2
Vídeo com profissional da saúde		
Sim	22	35,5
Não	40	64,5
Categoria profissional		
Médico(a)	10	16,1
Nutricionista	6	9,7
Psicólogo(a)	1	1,6
Enfermeiro(a)	3	4,8
Consultora de amamentação	2	3,2
Não é profissional	40	64,5

Fonte: dados da pesquisa.

É possível observar na Tabela 3 a associação entre ser profissional da saúde e as variáveis de estudo. Verifica-se que houve associação entre ser profissional da saúde e produção de leite ($p = 0,0105$); conteúdo/informação científica ($p = 0,0001$); e relatos de

problemas na amamentação ($p = 0,0001$). Em resumo, vídeos sem profissionais tendem a não tratar sobre produção de leite; normalmente são relatos a respeito de problemas na amamentação e não trazem conteúdo/informação científica.

Tabela 3. Distribuição das variáveis avaliadas segundo ser ou não profissional da saúde

Variáveis	Vídeo com profissional da saúde				p
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Técnica de amamentação					
Sim	9	14,5	8	12,9	0,0774
Não	13	21,0	32	51,6	
Produção de leite					
Não	13	21,0	35	56,5	0,0105*
Sim	9	14,5	5	8,1	
Fórmula infantil					
Não	17	27,4	27	43,5	0,4173
Sim	5	8,1	13	21,0	
Conteúdo sobre uso de bicos artificiais					
Não	20	32,3	29	46,8	0,0884
Sim	2	3,2	11	17,7	
Mitos e tabus					
Sim	15	24,2	20	32,3	0,1671
Não	7	11,3	20	32,3	
Relatos sobre problemas na amamentação					
Não	22	35,5	9	14,5	0,0001*
Sim	0	0,0	31	50,0	
Conteúdo científico					
Sim	21	33,9	8	12,9	0,0001*
Não	1	1,6	32	51,6	

* Teste qui-quadrado significativo considerando nível de significância de 5%.

Fonte: dados da pesquisa.

DISCUSSÃO

A internet e as mídias sociais vêm sendo amplamente utilizadas como fonte de informações

em saúde. Um estudo de revisão evidenciou que a principal finalidade na utilização da *web* pelos médicos é a busca de informações médicas, de saúde¹⁰. Isso é também comum entre usuários dos serviços de saúde,

como observado em pesquisa realizada em Anápolis (GO) com pacientes de um ambulatório universitário, em que 65% relataram ter buscado informações sobre saúde-doença na internet¹¹.

Verificou-se neste estudo que, embora os canais onde os vídeos foram postados não sejam tão grandes em número de inscritos, em média cada material relacionado à temática de AM atinge um universo de mais de 3.500 pessoas. Percebe-se que a tecnologia de comunicação em rede se constitui em ferramenta eficiente para promover a comunicação, caracterizando-se em instrumento poderoso de circulação de informações¹², inclusive na saúde.

A cada dia cresce o número dos que consomem informações via internet e mídias sociais. Segundo Cruz et al.¹³, a comunicação é um meio de manter relacionamentos, estabelecer troca de conhecimentos e socialização de informações; dessa forma, a ferramenta emerge como um benefício social a partir do momento em que a propagação de informações aumentou, revolucionando o modo de fazer comunicação.

O AM é uma prática alimentar de extrema importância para o desenvolvimento da criança¹⁴; se constitui no principal alimento para o lactente, contendo nutrientes imprescindíveis à proteção e à promoção da saúde dele. A desinformação da mãe leva a atitudes que interferem no aleitamento materno, como o desmame precoce¹⁵, por isso veicular informações confiáveis, baseadas na ciência, contribui para a promoção da saúde desse grupo.

Os benefícios do aleitamento materno para a criança já são bem conhecidos, porém os que dizem respeito à saúde da mulher ainda são pouco divulgados. Diversos estudos mostram que essa prática é capaz de trazer-lhe benefícios tanto em curto quanto em longo prazo. Nesse sentido, informar às gestantes sobre esses aspectos certamente influenciará a sua decisão em amamentar².

A técnica de amamentação, ou seja, a maneira como o binômio mãe/bebê se posiciona para amamentar e a pega do bebê, é relevante para que

este consiga retirar, de maneira eficiente, o leite da mama e também para não machucar os mamilos¹. No presente estudo, isso foi abordado nos vídeos pesquisados, embora não majoritariamente. A temática é relevante, uma vez que, quando realizada de modo incorreto, torna dificultosa a nutrição do bebê, bem como propicia traumas e ingurgitamento mamário¹⁶. Estudo realizado em Feira de Santana (BA) buscou avaliar o efeito de uma intervenção educativa direcionada à técnica de amamentação na prevalência de aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida. A intervenção consistiu em orientações individuais sobre tal técnica nas primeiras 48 horas após o parto. Ao final, a prevalência do aleitamento materno exclusivo, no primeiro mês de vida do lactente, foi de 76,6%, e as mulheres que foram orientadas aplicaram corretamente a técnica¹⁶. Sendo assim, fica evidente que intervenções de educação em saúde têm apresentado significativos resultados na promoção do aleitamento materno.

Outro aspecto abordado nos vídeos analisados se relacionou à produção de leite. O tema faz parte de uma série de mitos e tabus que envolvem a amamentação. Estudo conduzido com gestantes atendidas em um ambulatório de pré-natal no Rio Grande do Sul verificou a existência de diversos mitos associados ao processo de AM, e os mais comuns são: leite fraco, insuficiente, leite secou, bebê não quis pegar o peito etc. Os autores verificaram que tais mitos e crenças em torno do assunto foram muito presentes no cotidiano das gestantes e representaram possíveis causas do desmame precoce. Além disso, enfatizam que estratégias devem ser elaboradas com vistas a amenizar o impacto negativo deles em torno do AM na população nutriz¹⁷.

A lactação é considerada um processo natural da gestação e do nascimento, porém é fortemente influenciada por fatores culturais, demográficos e socioeconômicos. O apoio e o suporte de profissionais da saúde, da família e da comunidade são decisivos para que a amamentação seja bem-sucedida e possa se estender por pelo menos dois anos. Sabe-se que as

construções sociais do “pouco leite” e do “leite fraco” ainda são fortes o bastante para levar ao desmame precoce¹⁸.

Foi observado que praticamente um terço dos vídeos apresentou conteúdos sobre fórmulas infantis. Embora não seja numericamente um percentual tão alto, poderia ter sido inferior. O AM auxilia o processo digestivo, favorece o vínculo mãe-bebê, facilita o desenvolvimento emocional e contribui para a imunidade, entre outros benefícios. Fórmulas infantis são indicadas somente quando há impossibilidade de aleitamento materno; sua composição alcança grande parte dos nutrientes que compõem o leite humano, porém não iguala as propriedades fisiológicas do AM¹⁹.

Uma pequena parte dos vídeos analisados no estudo trouxe conteúdos sobre o uso de bicos artificiais. No Brasil, a prevalência de mamadeira e de chupeta em menores de um mês é de 58,4% e 42,6%, respectivamente. A utilização dos bicos artificiais está entre as principais causas da interrupção precoce do aleitamento, pois o lactente apresenta dificuldade para sugar o seio da mãe após ter aprendido a sugar a mamadeira¹⁸. Desse modo, fica clara a necessidade de popularização desse conhecimento científico, principalmente em mídias sociais, para evitar a introdução de bicos artificiais e, assim, promover a saúde dos bebês.

Problemas na amamentação foram relatados em diversos vídeos, a maior parte abordando dificuldades encontradas no período de apojadura, fissuras mamilares, mastite e dor ao amamentar. Entre as principais intercorrências mamárias relacionadas à lactação, estão mamilos planos ou invertidos, ingurgitamento mamário, trauma mamilar, candidíase, bloqueio de ductos lactíferos, mastite puerperal e abscesso mamário²⁰. Esses assuntos mostram-se de grande relevância e devem ser explorados em mídias sociais, uma vez que são frequentemente vivenciados por muitas mulheres no processo de amamentar.

Todas as mães podem amamentar, desde que tenham informações precisas e apoio dentro de suas

famílias, da comunidade e do sistema de saúde²¹. Conhecer acerca do aleitamento é importante para a promoção da saúde do bebê e da mãe; todavia, o que se nota nos vídeos analisados é que o que ali é divulgado não se baseia em conteúdos científicos, podendo levar a problemas para ambos.

Nas últimas décadas, a internet e as mídias sociais ampliaram o acesso à informação, e seu uso como ferramenta para obtenção de informações em saúde vem crescendo de maneira exponencial²². O *YouTube* está entre as mais utilizadas no Brasil e tem se mostrado espaço relevante para compartilhamento de conteúdo e troca de experiências entre usuários. Porém, diversos estudos apontam que a maior parte do que é disponibilizado na internet sobre saúde é considerada cientificamente inadequada ou incorreta²³, e o uso equivocado desse conteúdo pode provocar graves danos à saúde dos usuários.

É muito importante que profissionais da saúde tenham conhecimento do cotidiano das mães e do contexto sociocultural a que pertencem, bem como suas dúvidas, medos, expectativas e dificuldades; esse cuidado vai tornar possível desmistificar as crenças consolidadas pelo senso comum que influenciam de forma negativa na lactação¹⁷. Do mesmo modo, é importante que eles conheçam de que forma os conteúdos são abordados e veiculados nas mídias sociais para que compreendam a realidade na qual muitas vezes as pessoas estão inseridas.

Foi verificada associação estatisticamente significativa entre ser profissional da saúde e temática produção de leite, bem como conteúdo/informação científica, além dos relatos acerca de problemas na amamentação. Espera-se que profissionais da saúde sejam os agentes facilitadores do conhecimento de gestantes e lactantes, pois o autoaprendizado ou o aprendizado mediado por leigos podem ser determinantes para o fracasso da amamentação²⁴.

Nesse sentido, não há dúvidas de que o aleitamento materno promove um aumento na qualidade de vida não só do binômio mãe-bebê, mas também da sociedade como um todo; portanto, é necessário superar os obstáculos que surgem

durante o período da amamentação. A precariedade nas técnicas informativas e educativas de saúde e uma herança sociocultural equivocada podem fazer surgir crenças e mitos capazes de influenciar de forma negativa o pensar e o agir de algumas mães, fazendo-as se sentirem incapazes de realizar o ato de amamentar.

É necessário não apenas intensificar estratégias que incentivem e apoiem o AM por meio da implantação de políticas públicas; é essencial também empoderar as mulheres para que estas sejam capazes de decidir pelo que é melhor para a própria saúde e a do bebê. A internet tem demonstrado ser importante ferramenta de busca por informações relacionadas à saúde, porém mais estudos são requeridos com vistas a avaliar o impacto do conteúdo compartilhado nos vídeos do *YouTube* e de que maneira podem influenciar na prática da amamentação.

O presente estudo apresenta algumas limitações, destacando-se principalmente a pouca quantidade de vídeos encontrados à luz dos critérios escolhidos. Possivelmente a pesquisa em diversos idiomas ou até mesmo adotando outros descritores poderia resultar em um universo maior de vídeos postados acerca da temática, permitindo, então, obter talvez características distintas e peculiares sobre a veiculação do tema.

A comunidade acadêmica sabe onde buscar e consumir informações de qualidade produzidas pela ciência. No entanto, pouco se sabe sobre o quanto a população leiga absorve do que é veiculado nos meios acadêmicos. Nesse sentido, as mídias sociais podem se configurar como um caminho para disseminar o conhecimento científico entre a população geral.

CONCLUSÃO

Os vídeos são uma boa ferramenta promotora de saúde. No entanto, na temática sobre aleitamento materno, aqueles sem profissionais tendem a não tratar sobre produção de leite, normalmente são relatos a respeito da experiência pessoal e não oferecem informação científica.

AGRADECIMENTOS

À UniCesumar e ao Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI), que contribuíram com esta investigação.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica; 2015.
2. Ciampo LAD, Ciampo IRLD. Breastfeeding and the benefits of lactation for women's health. *Rev Bras Ginecol Obstetr.* 2018;40(6):354-9.
3. Francisco MBS, Brasil MS, Brasil MS, Braz. Perception of pregnant women about exclusive breastfeeding in a Family Health Strategy in the city of Icó – Ceará. *ID Online.* 2019;13(47):383-96.
4. Carvalho JA, Gurgel PKF, Lima KYN, Dantas CN, Martins CCF, Tourinho FSV. Análise de vídeos do Youtube sobre aleitamento materno: importância e benefício. *Rev Enf UFPE.* 2013;7(3):1016-22.
5. Souza MHDN, Nespoli A, Zeitoune RCG. Influência da rede social no processo de amamentação: um estudo fenomenológico. *Esc Anna Nery.* 2016;20(4):e20160107.
6. Nóbrega VCFD, Melo RHVD, Diniz ALTM, Vilar RLAD. As redes sociais de apoio para o aleitamento materno: uma pesquisa-ação. *Saúde em Debate.* 2019;43(121):429-40.
7. Dantas KFD, Deus SE, Bernuci MP, Lucena TFR. Youtube e promoção da saúde: uma análise dos vídeos mais populares sobre câncer do colo do útero. *Anais Eletrônicos do XI EPCC,* 2019.
8. Prevedello BP, Dotto PP, Santos BZ. Animação no formato de vídeo como tecnologia para a promoção do aleitamento. *Res Soc Develop.* 2020;9(1):1-10.
9. Scorupski RM, Ravelli APX, Julek L, Matos MR, Skupien SV, Alves FBT. Vídeos educativos em aleitamento materno: Educação em Saúde Online. *Ext Foco.* 2020;21(1):127-43.

10. Camargo AL, Ito M. Utilização das tecnologias de informação e comunicação na área da saúde: uso das redes sociais pelos médicos. *J Health Inform.* 2012;4(4):165-9.
11. Rodrigues ACM, Lima GC, Coelho LO, Oliveira AS, Torres TG. A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás. Anápolis: Centro Universitário de Anápolis – Unievangélica; 2018.
12. Vermelho SC, Velho APM, Bonkovoski A, Pirola A. Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Educ Soc.* 2014;35(126):179-96.
13. Cruz A, Beulck L, Teixeira L, Souza L, Sant'ana V Sagrilo F. Consumo das redes sociais digitais pela terceira idade. In: *Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba-PR.* 2017. p. 1-14.
14. Carvalho JLS, Cirino IP, Lima LHO, Sousa AF, Carvalho MF, Oliveira EAR. Conhecimento das mães sobre aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar. *Saúde em Redes.* 2016;2(4):383-92.
15. Lima APC, Nascimento DS, Martins MMF. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce: uma revisão integrativa. *Journal of Health & Biological Sciences.* 2018;6(2):189-96.
16. Souza TOD, Moraes TEDV, Martins CDC, Bessa JD Júnior, Vieira GO. Efeito de uma intervenção educativa sobre a técnica de amamentação na prevalência do aleitamento materno exclusivo. *Rev Bras Saúde Mater Infant.* 2020;20(1):297-304.
17. Lahós NT, Pretto ADB, Pastore CA. Mitos e crenças acerca do aleitamento materno no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). *Nutr Clin Diet Hosp.* 2016;36(4):27-33.
18. Parizotto J, Zorzi NT. Aleitamento materno: fatores que levam ao desmame precoce no município de Passo Fundo, RS. *Mundo Saúde.* 2008;32(4):466-74.
19. Gnoatto TM, Baratto I. Prevalência e determinantes do aleitamento materno exclusivo e uso de fórmulas infantis em crianças de 0 a 6 meses no município de Itapejara D'Oeste-PR. *Rev Bras Obes Nutr Emagr.* 2018;12(69):27-37.
20. Oliveira AKS, Branco JGO, Costa FBC, Santos MSN, Freire FDFS. Prevenção e cuidados frente às complicações mamárias relacionadas à amamentação na atenção primária à saúde. *Enferm Brasil.* 2019;18(1):158-65.
21. Moreira ASH, Murara AZ. Aleitamento materno, desmame precoce e hipogalactia: o papel do nutricionista. *Rev Eletr Faculd Evango Par.* 2012;2(2):51-61.
22. Garbin HBR, Guilam MCR, Pereira AF. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. *Physis.* 2012;22(1):347-63.
23. Moretti FA, Oliveira VED, Silva EMKD. Acesso à informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? *Rev Assoc Med Bras.* 2012;58(6):650-8.
24. Silvestre PK, Carvalhaes MADBL, Venâncio SI, Tonete VLP, Parada CMGDL. Breastfeeding knowledge and practice of health professionals in public health care services. *Rev Latino-Am Enf.* 2009;17(6):953-60.